



Recebido em: 19/02/2015

Aceito em: 15/03/2015

## FRONTEIRAS ENTRE MESSIANISMO JUDAICO ANTIGO E CRISTIANISMO PRIMITIVO

Estudo bibliográfico a partir da bibliografia brasileira

Carlos Antonio dos Santos  
Licenciado em História  
Pelo Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL)  
Da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)  
<http://lattes.cnpq.br/1465349879031839>

Orientador: Prof. Ms. Denis Renan Correa  
Professor Assistente de História Antiga e Medieval  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)  
<http://lattes.cnpq.br/3958268241529325>

### Resumo

O presente trabalho visa investigar o ideal messiânico entre os judeus do primeiro século da era cristã e o surgimento do cristianismo nesse mesmo período a partir da bibliografia brasileira que trabalha com esses dois fenômenos religiosos da antiguidade, sem, contudo, deixar de apoiar-se em trabalhos de autores de diferentes nacionalidades, já que no Brasil ainda são poucos os trabalhos realizados a respeito dessa temática. Este trabalho se destina também a elucidar a complexa relação entre o movimento messiânico judaico antigo e o cristianismo primitivo, devido à existência de vários conceitos e interpretações diferentes que envolvem esses dois segmentos religiosos do mundo antigo. Os autores, ao abordarem as temáticas do messianismo judaico antigo e do cristianismo primitivo do período do

primeiro século da era cristã, nos trazem revelações surpreendentes, de modo a nos deixar informados sobre como os judeus aguardavam o seu messias, como Cristo surgiu na região da Galileia praticando uma forma de messianismo bastante diferente do messias esperado pelos judeus, e ao mesmo tempo os autores nos informam como e quando se deu a separação e consequente fronteira entre o messianismo judaico antigo e o cristianismo primitivo.

**Palavras-chave:** Judaísmo. Messianismo. Helenismo. Cristianismo. Império Romano.

### **Abstract**

This study aims to investigate the messianic ideal among the Jews of the first century of the Christian era and the rise of Christianity in the same period from the Brazilian bibliography working with these two religious phenomena of antiquity, without, however, fail to lean on works of authors from different countries, as in Brazil there are few studies carried out concerning this theme. This work is also intended to elucidate the complex relationship between the ancient Jewish messianic movement and early Christianity, because there are several different concepts and interpretations involving these two religious segments of the ancient world. The authors, in addressing the themes of ancient Jewish Messianism and early Christian period of the first century AD, bring us surprising revelations, so let us informed about how the Jews were waiting for their Messiah, as Christ appeared in the region of Galilee practicing a form of quite different from the messiah expected by the Jews messianism, while the authors tell us how and when it gave the separation and subsequent border between the old Jewish Messianism and early Christianity.

**Keywords:** Judaism. Messianism. Hellenism. Christianity. Roman Empire.

## 1. Introdução

O messianismo judaico antigo e o cristianismo primitivo são ramificações religiosas oriundos do judaísmo do período do Segundo Templo.<sup>1</sup> Bastante discutidos hoje em dia nas academias de Filosofia, Ciências Humanas e nas Faculdades de Teologia, se tornaram objetos de debates sobre como e quando se deu a separação entre esses dois segmentos religiosos, e qual grau de influência o cristianismo recebeu dos ideais messiânicos dos judeus do primeiro século da era cristã. No Brasil e no exterior há uma variedade de artigos, livros e teses de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado que visam elucidar a complexidade que há na tradição dos ideais messiânicos entre os judeus do período da história judaica conhecida como Judaísmo Tardio, bem como a relação desses ideais messiânicos judaicos com o cristianismo primitivo dessa mesma fase da história judaica.

O período abordado nesse trabalho é do ano 4 a.C. ao ano 100 d.C., sendo que, em alguns momentos, serão citados acontecimentos e personagens da história do Estado de Israel, dos povos vizinhos a ele, bem como dos impérios que conquistaram a Terra de Israel, anterior e posterior a esse período citado acima, para servir de referência na contextualização da questão do ideal messiânico entre o povo judeu do século I da era cristã e a importância que esses ideais messiânicos judaicos tiveram com o surgimento do cristianismo nessa mesma fração de tempo da história do povo de Israel.

O judaísmo do período do Segundo Templo alimentava no povo judeu, especialmente nos judeus do primeiro século da era cristã, a esperança da chegada de um redentor (messias) semelhante ao profeta Moisés, ao sacerdote Arão, a José e ao rei Davi, que iria libertá-los da opressão dos Estados estrangeiros, unificar o país e estabelecer a paz definitiva não só em Israel, mas também em todo o mundo. Porém, atualmente, através de novas descobertas, especialistas da área do judaísmo messiânico antigo e do cristianismo primitivo estão dispostos a tornar conhecido, não só no mundo acadêmico, também entre o público geral, que na Judeia do tempo de Jesus os judeus aguardavam a chegada de pelo menos dois agentes messiânicos.

Esse era o ambiente social, cultural e religioso no imaginário do povo judeu do século I da era cristã, que remonta pelo menos ao período persa ou babilônico, o

<sup>1</sup> Construído no mesmo local do Templo de Salomão após o regresso do povo judeu a Jerusalém no finda do Cativo Babilônico. Foi destruído pelos romanos no ano 70 da era cristã durante a revolta judaica contra Roma.

qual tornou a figura de um redentor semelhante ao profeta Moisés, ao sacerdote Arão, a José e ao rei Davi como símbolos fundamentais das esperanças messiânicas judaicas, baseadas na Torá, nos profetas do Antigo Testamento e na Lei Oral Judaica.<sup>2</sup> Nesse ínterim, vale ressaltar que apesar desse trabalho ser de cunho histórico, está edificado nas tradições religiosas judaicas concernentes ao período chamado Judaísmo Tardio, mais especificamente no século I d.C. Ressalto também que esse trabalho está interessado em mostrar através das bibliografias utilizadas que o cristianismo surgiu logo após a morte de Yeshua (Jesus), e que Mashiach (Cristo) surgiu no seio do povo judeu, praticou o judaísmo de seu tempo, viveu e morreu como judeu. Por isso, Jesus deve ser visto a princípio como judeu, porque quem o vê de acordo com a tradição cristã, vê um Jesus helenizado, mas, quem vê Jesus como judeu o vê como cumpridor da Torá e das antigas tradições judaicas. Logo, a pessoa de Jesus nesse trabalho será estudada concernente ao contexto judaico e não através do conceito da cristologia tradicionalmente aceita, porque o Jesus messias que se construiu no mundo greco-romano logo após a sua morte não é o messias de estilo judaico, o que houve foi uma apropriação do Yeshua messias judeu pela civilização helênica através das trocas culturais, os quais o representaram de acordo com o modelo cultural helênico, já que os judeus sofriam forte influência helênica desde que Alexandre Magno conquistou a Judeia em 331 a.C. Por isso utilizo a nomenclatura dele de acordo com a tradição judaica *Yeshua* ou *Mashiach*, mas que, em alguns momentos utilizo também a nomenclatura na tradição grega *Iesous* (Jesus) ou *Christos* (Cristo) para facilitar o entendimento e está alinhado com a forma como os autores assim utilizam. No item 4 desse trabalho há um pequeno esboço esclarecendo as diferenças e os significados dessas nomenclaturas. Sendo esse trabalho uma investigação bibliográfica, de caráter acadêmico, fica descartado qualquer interesse ideológico, apologético ou proselitista.

Dependendo do grupo religioso da época do Judaísmo Tardio, como por exemplo, os essênios, descobertos principalmente através dos Manuscritos do Mar Morto,<sup>3</sup> que se retiraram para o deserto da Judeia e tendo se fixado em um lugar montanhoso chamado Qumran, formando a comunidade da Nova Aliança, e que desenvolveram a concepção da existência de três ungidos (messias) que viriam para libertá-los da opressão estrangeira, mas que também, em algumas ocasiões,

<sup>2</sup> Coleção de compêndios existentes no Talmude.

<sup>3</sup> Coleção de centenas de textos e fragmentos de texto encontrados em cavernas de Qumran, em torno do Mar Morto, no deserto da Judeia, no fim da década de 1940 e durante a década de 1950.

aguardavam a chegada de dois messias, que poderiam ser da linhagem do sumo sacerdote Arão e da linhagem do rei Davi, os judeus tinham uma crença no seu Messias de forma variada. Além disso, temos também os rabinos, que segundo estudiosos, eram basicamente formados do grupo religioso judaico chamado de Fariseus, os quais no concílio da cidade de Yabneh por volta do ano 90 d.C. definiram que os judeus deviam aguardar a chegada de dois messias, um da linhagem de José e outro da linhagem do rei Davi. Diante desses conceitos dos essênios e dos rabinos, nota-se que a concepção do messias judaico da época de Jesus era fluida, complexa e flexível, sujeita a mudanças na forma de como seriam os messias, como eles chegariam e o que fariam para melhorar a vida do povo de Israel diante do contexto histórico em que eles viviam.

Portanto, a finalidade desse trabalho é fazer uma análise investigativa do ideal messiânico entre os judeus do primeiro século da era cristã e o surgimento do cristianismo nesse mesmo período a partir da bibliografia brasileira, desvendando o elo de aproximação, de semelhanças e de diferenças que levaram a criar uma fronteira entre esses dois segmentos religiosos do mundo antigo. Mas que, devido à existência de poucos trabalhos realizados no Brasil sobre essa temática, não deixarei de apoiar-me também em trabalhos de autores de diferentes nacionalidades.

Ao mesmo tempo, esse trabalho tem como objetivo fazer uma releitura das principais obras acadêmicas que abordam a relação entre o messianismo judaico antigo e o cristianismo primitivo, contribuindo de alguma forma para elucidar a interpretação correta acerca desses dois ramos religiosos do judaísmo do período do Segundo Templo, já que o messianismo judaico desse período em estudo tornou-se o pano de fundo para o surgimento do cristianismo, e que este por sua vez, após a morte de Jesus, se distanciou dos conceitos messiânicos judaicos e das práticas do judaísmo de seu tempo, criando distorções doutrinárias e conceituais que levaram ao surgimento de dois segmentos religiosos totalmente distintos.

Uma das principais obras utilizadas nesse trabalho é o livro intitulado "*Movimentos Messiânicos no Tempo de Jesus: Jesus e outros messias*", publicada em 1998, pelo escritor brasileiro Donizete Scardelai.<sup>4</sup> O autor, através do Talmud da Babilônia,<sup>5</sup> do Talmud de Jerusalém,<sup>6</sup> dos Midrashim<sup>7</sup> e da obra "*Antiguidade*

<sup>4</sup> Formado em Licenciatura Plena, em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras das Faculdades Associadas do Ipiranga em São Paulo. É Mestre em Teologia com especialização em judaísmo pela Faculdade de Teologia Saint Michael's, da Universidade de Toronto no Canadá em 1994.

<sup>5</sup> Escrito na Babilônia, é o registros das discussões rabínicas pertencentes à lei, ética, costumes e história do judaísmo.

*Judaicas e Guerras Judaicas*” do historiador Flávio Josefo, investiga o fenômeno da atividade messiânica entre os judeus dos dois primeiros séculos da era cristã. Nessa obra está contido também um panorama histórico sobre os acontecimentos que culminaram nas duas principais guerras judaico-romanas (66-70 e 132-135 d.C.). Outra obra utilizada nesse trabalho é *“Rabi Akiva e Bar Kokhva: Em busca do Messias”*, publicada em 2009 pela escritora brasileira Tania Fortes.<sup>8</sup> Através da literatura rabínica de documentos históricos, a autora traz os relatos lendários da cultura judaica sobre diversos assuntos e também revela os movimentos messiânicos existentes entre os judeus desde Bar Kokhva (morto em 135 d.C) até Schabtai Zvi (1626-1676). Esses “messias” segundo a autora pretendiam reconstruir o Templo de Jerusalém e o Estado judaico. Há também a obra *“O Judaísmo e as Origens do Cristianismo”*, publicada em três volumes nos anos de 2000, 2001 e 2002 do escritor austríaco David Flusser.<sup>9</sup> Nesse livro o autor, através de várias obras antigas, como, por exemplo, o Talmude Babilônico, o Talmude de Jerusalém, os Midrashim, os Manuscritos do Mar Morto e muitas outras obras, mostra que os cristãos do primeiro século de nossa era eram formados basicamente de judeus, os quais praticavam o cristianismo de acordo com as leis judaicas, e que Cristo sendo considerado o Messias pelos seus discípulos cumpriu todas as Leis da Torá e praticou os costumes judaicos da época, enfatizando dessa forma que o cristianismo teve sua origem na doutrina messiânica do judaísmo antigo. E ainda, há a obra *“Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus”* publicada em 1995, pelos escritores norte-americanos Richard A. Horsley<sup>10</sup> e John S. Hanson,<sup>11</sup> os quais, nessa obra, analisam principalmente dois fatos ocorridos na Palestina judaica em meados do século primeiro de nossa era: a vida e a morte de Jesus de Nazaré e a grande revolta judaica de 66-70, com grande ênfase na sociedade camponesa da Galileia, devido ser essa região o lugar dos maiores movimentos populares revolucionários de cunho messiânico da história

---

<sup>6</sup> É uma coleção de notas rabínicas sobre a tradição oral judaica escrito em Jerusalém após a destruição de Templo pelos romanos no ano 70 da era cristã.

<sup>7</sup> É um método de estudo histórico da Bíblia Hebraica através da homilética e da exegese, criado por volta do final século I da era cristã.

<sup>8</sup> Estudou Letras Vernáculas no Departamento de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É Mestre e Doutora pela FFLCH-USP em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica.

<sup>9</sup> Estudou na Universidade de Praga, completou seu doutorado na Universidade Hebraica de Jerusalém, em 1957, onde mais tarde se tornou professor de Judaísmo do Período do Segundo Templo e Cristianismo Primitivo.

<sup>10</sup> Professor de Línguas Clássicas, Artes Liberais e Estudos de Ciências da Religião na Universidade de Massachusetts (Boston).

<sup>11</sup> Foi professor na Universidade de Kansas, no Wellesley College e na Universidade Cristã do Texas.

judaica. Além de outras obras referentes ao tema que serão divulgadas no decorrer do trabalho.

## **2. O conceito da doutrina messiânica judaica no primeiro século da era cristã**

Para o melhor entendimento da fronteira entre o messianismo judaico antigo e o cristianismo primitivo, é de extrema importância conhecer um pouco sobre o conceito da doutrina messiânica na sociedade judaica do primeiro século da era cristã. De acordo com o autor Donizete Scardelai, esse conceito era bastante complexo, fluido e flexível, especialmente diante das adversidades em que a população judaica vivia no seu contexto histórico (SCARDELA, 1998: p. 38-39). Dessa forma, o próprio Scardelai adverte que: *"Qualquer tentativa para compreender o desenvolvimento das aspirações e ideias messiânicas em Israel... envolve um cuidadoso grau de atenção em relação às implicações do emprego etimológico do termo hebraico"* (SCARDELA, 1998: p. 44-45). Porém, o mesmo Scardelai, afirma que as fontes cristãs normalmente definem com mais propriedade o perfil exato da figura messiânica para se referir ao Rei Ungido, filho de Davi, que por sua vez é representado por Jesus de Nazaré (SCARDELA, 1998: p. 45, 59).

Com base na literatura rabínica, Donizete Scardelai apresenta três tipos de messias: o "Messias, filho de José", o "Messias, filho de Davi", e o terceiro um redentor "Profeta" (SCARDELA, 1998: p. 6, 51-58, 66-78). Como já vimos anteriormente, essas concepções dos messias segundo Scardelai tiveram origem no período do Exílio da Babilônia, e foram regularizadas nos finais do primeiro século da era cristã. Porém, o próprio autor ainda acrescenta que a aquisição dessas esperanças messiânicas entre o povo judeu se deu devido às influências culturais e religiosas que os judeus receberam das civilizações vizinhas à Terra de Israel, juntamente às emergências de se livrarem das nações invasoras (SCARDELA, 1998: p. 23-24, 61-62, 109). Já a autora Tania Fortes, também com base na literatura rabínica, trabalha com a concepção de apenas dois personagens messiânicos, um descendente da casa de Davi e outro descendente da casa de José (FORTES, 2009: p. 92). De acordo com a autora, o messias descendente do rei Davi, também é conhecido na literatura rabínica como *Mashiakh Ben David*, esse considerado o Messias sofredor e pacificador, e o Messias guerreiro descendente da tribo de José ou Efraim, conhecido como *Mashiakh Ben Yossef* ou *Mashiakh Ben Efraim* (FORTES, 2009: p. 99-100). E, ainda, a autora completa dizendo que *"a literatura rabínica define o Messias como um ser humano dotado de muita*

*sabedoria, poder de liderança e caracterizado por sua total integridade*” (FORTES, 2009: p. 92).

Nesse mesmo sentido, o autor David Flusser, se utilizando dos Manuscritos do Mar Morto, afirma que a seita de Qumran (assim chamada por ser composta pelos essênios que viviam nessa parte do deserto da Judeia) aguardava a chegada de dois Messias, o “messias davídico”, com a função de rei e libertador de Israel, vindo da linhagem do rei Davi, e o “messias aarônico”, com a função de intérprete da Lei e sumo sacerdote dos últimos dias (FLUSSER, 2000: p. 114-115). Israel Knohl,<sup>12</sup> autor da obra *“O Messias antes de Jesus: o servo sofrido dos Manuscritos do Mar Morto”*, do ano de 2001, também se utilizando dos Manuscritos do Mar Morto, semelhante a Flusser fala de um messias sacerdotal e de um messias régio (KNOHL, 2001: p. 53-54). Horsley e Hanson afirmam que basicamente a seita de Qumran esperava o surgimento de dois ungidos (messias), um o sumo sacerdote e outro o chefe leigo da comunidade escatológica (o Ungido de Israel) (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 100-101). Mas, ao mesmo tempo, os coautores apontam que a seita de Qumran aguardava a chegada também de um terceiro ungido ou agente escatológico (o profeta), o qual poderia ser caracterizado como profeta oracular e um profeta de ação: o profeta oracular tinha a função de anunciador do julgamento ou redenção iminente de Deus, e o profeta de ação tinha a função de inspirar e levar um movimento popular a uma participação vigorosa numa ação redentora antecipada de Deus (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 100, 125-144).

Como podemos observar, Richard A. Horsley, John S. Hanson, David Flusser e Israel Knohl compartilham da mesma teoria da existência de dois Messias, um descendente de Aarão e outro descendente do rei Davi. Já Donizete Scardelai e Tania Fortes concordam também com a ideia de dois Messias, um da linhagem do rei Davi e outro diferentemente dos autores acima citados, deveria ser da linhagem de José. Porém, Scardelai e os autores estadunidenses Richard A. Horsley e John S. Hanson falam também de um terceiro ungido, o Messias profeta. Para Scardelai, o Messias profeta *“reunia uma série de tendências com características variadas, tais como o de guia, líder, legislador, salvador ou mesmo na condição de porta-voz de Deus”* (SCARDELA, 1998: p. 94). Semelhantemente, para Richard A. Horsley e John S. Hanson os profetas escatológicos são concebidos pela tradição religiosa judaica como agentes anunciadores de novos tempos para Israel e, especialmente neste caso, são anunciadores da chegada dos dois messias, primeiro o messias

<sup>12</sup> Israelense, PhD pela Universidade Hebraica de Jerusalém, Catedrático e Presidente do Departamento de Estudos Bíblicos na Universidade Hebraica de Jerusalém.

descendente do sacerdote Aarão e depois o messias descendente do rei Davi (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 125-144).

### **3. A terminologia Mashiach (Messias)**

Outro aspecto relevante para o entendimento da fronteira que houve entre o messianismo judaico antigo e o cristianismo primitivo logo após a morte de Jesus é a terminologia *Mashiach* ou “Messias”, traduzida para o português.

De acordo com Scardelari o termo “ungido”, no sentido mais extenso, quer dizer “messias”, e com a influência da cultura grega na sociedade judaica desse período, houve mais tarde uma alteração dessa terminologia hebraica “messias” para a terminologia grega “Christos”, mudando, dessa forma, o sentido original da missão redentora do Messias de Israel, de “ungido com óleo” para àqueles que eram “escolhidos” (SCARDELA, 1998: p. 46). A mesma regra foi aplicada para a terminologia hebraica *Yeshua*, ao qual após a sua morte os gregos chamaram de *Iesus* (Jesus, em português). Os cristãos helenizados, por sua vez, deram-lhe o atributo de “salvador”, daí os rabinos, a partir do concílio da cidade de Yabneh em 90 d.C., para evitar possíveis analogias do *Yeshua* judeu que em vida praticou o judaísmo normativo, com o Jesus “salvador” dos cristãos helenizados, decidiram mudar a terminologia *Yeshua* para *Yeshu* (SCARDELA, 1998: p. 320-327). Contudo, Scardelari afirma que a tradição judaica praticava esse costume de “ungir com óleo” um pretendente real e um sacerdote, desde o período do Primeiro Templo até a destruição de Jerusalém pelos babilônios em 586 a.C. (SCARDELA, 1998: p. 46). E que, portanto, a tarefa de restauração do trono de Israel, em caso de uma invasão estrangeira e consequentemente da derrubada do trono de um determinado rei, dependia exclusivamente de um líder carismático apontado pelo povo e ungido por um sacerdote oficial (SCARDELA, 1998: p.47).

Os autores Richard A. Horsley e John S. Hanson analisam essa terminologia de forma bastante semelhante à análise de Scardelari, e afirmam “*O que posteriormente se tornou a antiga concepção cristã ortodoxa de ‘Cristo’ foi uma síntese criativa de várias linhas diferentes de esperanças judaicas e de conceitos filosóficos gregos*” (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 89-90). A autora Tania Fortes também define esse conceito da terminologia *Mashiach* (Messias) da mesma forma que Donizete Scardelari, Richard A. Horsley e John S. Hanson apontando que “*o termo ‘Messias’ provém do hebraico ‘Maschiakh’, que em grego equivale a ‘cristo’ e significa ‘ungido’*” (FORTES, 2009: p. 93). Como se vê, logo após a morte de Jesus de Nazaré, houve uma mudança gradativa da terminologia hebraica *Mashiach* para

a terminologia grega *Christos*. Mas essa mudança não se limitou apenas à questão dessa terminologia, muitas outras questões doutrinárias da religiosidade judaica também foram incorporadas ao cristianismo em ascensão que, em meio ao mundo greco-romano, ganhou um formato baseado principalmente na cultura helênica. Daí implicando diretamente na mudança do ideal messiânico judaico para o cristianismo helenizado (SCARDELA, 1998: p. 327-328).

#### **4. Moisés, Arão, Davi e Judas Macabeu: as principais referências para os movimentos messiânicos populares na Judeia do século I da era cristã.**

No âmbito profético, o episódio bíblico do êxodo do Egito tornou-se o protótipo da ideia básica da redenção nacional de Israel (SCARDELA, 1998: p. 97). E Moisés, ao liderar a saída do povo israelita do Egito, tornou-se figura e modelo central para qualquer período da história de Israel como líder messiânico libertador da opressão estrangeira ou mesmo da opressão doméstica (SCARDELA, 1998: p. 198-199). David Flusser aponta que a comunidade de Qumran via em Moisés a figura máxima para a representação do Messias como profeta (FLUSSER, 2001: p. 28-33). A autora Tania Fortes, citando uma passagem do *Midrasch*, também segue esse mesmo caminho, se referindo à figura de Moisés como semelhante ao Messias (FORTES, 2009: p. 118). Os autores Horsley e Hanson apontam a importância de Moisés como líder carismático que libertou o povo de Israel do Egito, tornando-se o profeta ungido de Deus com características messiânicas (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 90, 125-127).

No âmbito sacerdotal, Aarão é a principal referência para a designação do Messias ungido como sacerdote. Scardela esclarece isso através de uma passagem de um livro da literatura rabínica chamado de *Targum de cânticos 4,5* (SCARDELA, 1998: p. 74). A autora Tania Fortes se utiliza da Torá para afirmar que o sumo sacerdote Aarão prefigura a pessoa do Messias no ambiente sacerdotal (FORTES, 2009: p. 93). Os autores Horsley e Hanson se referindo aos Manuscritos do Mar Morto, também apontam para esse mesmo aspecto do Messias (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 100-103). O autor David Flusser relata que uma das concepções messiânicas da seita de Qumran girava em torno do descendente do sumo sacerdote Aarão (FLUSSER, 2000: p. 114-115).

No âmbito monárquico, a figura central para a esperança messiânica judaica está na pessoa do rei Davi. Mas, a respeito desse messias oriundo da casa de Davi os autores Horsley e Hanson advertem que "...o futuro rei davídico não era necessariamente um filho de Davi" (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 91). E que

apesar de a ideologia real oficial baseada nos textos sagrados concebesse o Messias oriundo da casa real de Davi, os autores Horsley e Hanson suspeitam que o povo simples entendia que outras correntes da tradição antiga eram mais importantes que a ideologia oficial da realeza. Ou seja, o Messias davídico poderia ser qualquer judeu fiel a Torá que o Deus de Israel assim escolhesse e enviasse para libertar e restaurar a nação judaica (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 92).

Fora essa advertência, Horsley e Hanson destacam que “... o ‘rei pastor’ Davi e seu movimento forneceram o protótipo histórico para os movimentos messiânicos populares subsequentes...” (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 93). E além do mais, era promessa do Deus de Israel dar continuidade à aliança feita com Davi e sua descendência de permanecer no trono do Reino de Israel perpetuamente (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 96). Isto implica a não revogação de Davi e sua descendência de status de rei eterno de Israel. Esse rei eterno seria o futuro Messias que iria ocupar o trono do rei Davi (SCARDELA, 1998: p. 33-34, 41, 48,51-58). Isto era uma força ideológica insubstituível que estava atrelada às tradições religiosas judaicas. David Flusser também faz uma alusão ao messias davídico, citando como referência a seita de Qumran, a qual atribui ao Messias descendente de Davi o encargo de intérprete da Lei no período da Era Messiânica (FLUSSER, 2000: p. 114-115). Já a autora Tania Fortes se baseia nos textos do Tanakh e na literatura rabínica para expor esta concepção de que o messias deveria surgir da linhagem real davídica para estabelecer a unidade política e religiosa de Israel e também estabelecer a paz universal (FORTES, 2009: p. 95-110, 116-118).

Já no âmbito político-militar, Scardelai afirma que Judas Macabeu entra no rol dos possíveis modelos de messias devido à sua vitória contra os Selêucidas em 165 a.C., vitória essa que fez com que a crença na vinda do Messias ganhasse força, e se tornasse evidente a esperança entre os judeus do século I da era cristã a chegada do Redentor messiânico que iria libertá-los da opressão romana (SCARDELA, 1998: p. 5, 29). O autor aponta também que além da vitória militar dos irmãos macabeus<sup>13</sup> contra Antíoco IV Epifânio<sup>14</sup> foi gerada uma onda crescente de manifestações populares em torno da realização messiânica para o fim dos tempos, ouve uma flexibilização do ideal messiânico entre os judeus do primeiro século da era cristã, tornando esse ideal extremamente complexo e diversificado, onde qualquer um poderia se proclamar messias, como de fato aconteceu durante

<sup>13</sup> Foram os principais líderes da revolta judaica contra o Império Selêucida os quais conseguiram retomar o controle de metade da Terra de Israel. Fundaram a dinastia dos Hasmoneus, que governou a Judeia de 164 a 37 a.C.

<sup>14</sup> Foi um rei da Dinastia Selêucida que governou a Síria e a Judeia entre 175 e 164 a.C.

quase todo o século I e entre os anos 132 e 135 do segundo século de nossa era (SCARDELAI, 1998: p. 104-114).

## **5. Fronteiras entre o messianismo judaico antigo e o cristianismo primitivo**

No período em que Jesus viveu, a Judeia estava num estado muito grande de turbulências políticas, religiosas, econômicas e sociais (HORSLEY; HANSON, 1995: p.46-47). O povo necessitava de mudanças urgentes, se livrarem da dominação romana era uma dessas necessidades, pois os romanos lhes impuseram um regime de opressão muito grande (SCARDELAI, 1998: p. 110-111). Logo, para os judeus que viviam diante dessa grave situação social no primeiro século da era cristã, a pregação de Jesus que falava do amor a todos os povos, inclusive aos romanos, os quais os judeus odiavam por causa de sua política opressiva, consistia no fato de que ele não preenchia as expectativas messiânicas concernentes às mudanças sociais necessárias da época, pois os judeus aguardavam um messias que lutaria contra os seus opressores e os expulsariam de sua terra e, conseqüentemente, estabeleceria a Era Messiânica na Terra de Israel (SCARDELAI, 1998: p. 22-23, 34, 218).

Além do mais, para a maioria dos judeus do primeiro século da era cristã, o modelo de redenção proposta por Jesus não preenchia os requisitos básicos para a aceitação dele como o “messias” de Israel, especialmente como o da figura do messias davídico, pois não se sabia se ele realmente era descendente do rei Davi, e também havia inúmeros falsos messias que dificultavam ainda mais a aceitação de qualquer pretendente messiânico, inclusive Jesus, como sendo o verdadeiro Messias de Israel (SCARDELAI, 1998: p. 34-36). Nesse mesmo âmbito, Flusser relata que *“Jesus tinha uma elevada consciência de sua missão messiânica, que é semelhante, mas não idêntica às expectativas populares referentes ao aparecimento do Messias”* (FLUSSER, 2000: p. 75).

Cerca de mil anos antes de Jesus, o rei Davi restaurou e unificou o Estado judaico, se tornando a principal referência na tradição da cultura judaica para a espera da chegada do Messias e isso, em todas as épocas de sua história (SCARDELAI, 1998: p. 35, 51-58). No âmbito político era esse o tipo de messias que o povo judeu aguardava, coisa que Jesus não fez, e pior, apenas 40 anos depois da sua morte, a nação judaica desmoronou diante do “poderoso” Império Romano, e junto à nação judaica, desmoronou também a possibilidade de a maioria dos judeus, em especial os judeus mais letrados, enxergar em Jesus o possível “messias” redentor de Israel (SCARDELAI, 1998: p. 280).

Scardelai afirma que o movimento de Jesus, após sua morte, ao se espalhar pelo mundo romano, foi aos poucos se separando de suas raízes judaicas e incorporando costumes gentílicos (SCARDELAI, 1998: p. 291, 347-350). Também houve separação contínua e gradual entre judeus e judeu-cristãos (SCARDELAI, 1998: p. 338-339). E, conseqüentemente, a igreja foi aos poucos se separando da Sinagoga (SCARDELAI, 1998: p. 35, 344-345). Dessa forma, para os rabinos do século I da era cristã, o movimento de Jesus não significava uma ameaça à organização interna nem à sobrevivência das tradições rabínicas, só após a igreja passar a se constituir uma instituição separada da sinagoga, na forma social e religiosa alienada do contexto judaico no qual o próprio Jesus tinha vivido, incorporando costumes e tradições de povos não judeus como os egípcios, os gregos e os romanos é que os rabinos passaram enxergar o movimento de Jesus como uma ameaça ao judaísmo, as tradições judaicas e o próprio povo judeu (SCARDELAI, 1998: p. 347-350).

Como agravante para as divergências entre o movimento de Jesus e o judaísmo rabínico do primeiro século da era cristã, os cristãos helenizados transformaram Cristo no messias “filho de Deus”, conceito esse bastante difundido na mitologia grega, o que na cultura judaica era inaceitável, devido aos judeus conceberem o seu messias como um homem enviado por Deus para a redenção nacional e libertação da opressão política, e não um messias redentor dos pecados da humanidade divinizado (SCARDELAI, 1998: p. 218). Logo, de acordo com Scardelai, os rabinos do período do final do primeiro século da era cristã não tinham por alvo atacar diretamente a pessoa de Jesus, e sim a própria igreja, que o transformou numa divindade e fazendo dele um homem-Deus (SCARDELAI, 1998: p. 328). E no concílio rabínico liderado por Yohanan ben Zakkai realizado na cidade de Yabneh em 90 d.C. foi concluído que o cristianismo já estava totalmente desfigurado daquele dos primeiros cristãos-judeus, e que os seguidores de Cristo do final do primeiro século da era cristã concebiam Jesus como um ser divino, divorciando dessa forma das demandas do judaísmo normativo e criando-se uma fronteira entre o judaísmo messiânico concebido por judeus fies à Torá e o cristianismo helenizado recém-formado (SCARDELAI, 1998: p. 325, 327-328).

Os judeus baseados em suas tradições religiosas, em momento algum pretendiam se submeter ao governo romano, tinham um relacionamento extremamente hostil, chegando a travarem duas grandes guerras (66-70 d.C. e 132-135 d.C.) (HORSLEY; HANSON, 1995: p. 53-56). Os romanos não toleravam os costumes e as leis judaicas que eram bastante rígidas, cheias de proibições, ainda mais porque se tratavam de leis de um povo que estava tecnicamente em

guerra contra eles. E por outro lado, de acordo com Flusser, as religiões no Império Romano e em outras partes da Europa não tinha nenhum sistema legal parecido com a Lei judaica de modo a regular a vida religiosa e cotidiana de toda a população do Império Romano. Então, para o cristianismo ganhar espaço no mundo romano tinha de ficar “livre da Lei” (FLUSSER, 2002: p. 178).

Outra questão que gerou o distanciamento e a conseqüente fronteira entre o messianismo judaico e o cristianismo logo após a morte de Jesus foi que a antipatia contra os judeus crescia bastante, não só entre os romanos, mas também entre o povo helênico, acusavam-nos de ter “abandonado” as Leis de Deus e o seu messias, pois para eles, Cristo foi o messias enviado para os judeus, os quais o rejeitaram. E de acordo com autor brasileiro Ariel Fingerman<sup>15</sup>, criador da obra “*A eleição de Israel: a polêmica entre judeus e cristãos sobre a doutrina do “povo eleito”*” publicado em 2005, com o cristianismo em ascensão, ganhando espaço no mundo greco-romano, logo, a disputa entre judeus e o mundo helênico-romano não se limitava apenas ao campo militar, a doutrina do “povo eleito” foi questionada pelos cristãos helenizados, que agora, para eles, o “povo eleito por Deus” não eram mais os judeus e sim os cristãos gentios, provocando a partir daí uma disputa teológica extremamente conflituosa acerca da doutrina do “povo eleito” (FINGUERMAN, 2005: p. 20, 52-53). Mas, a respeito dessa questão de “povo eleito” exposto pelo autor Ariel Fingerman, ressalto que essa noção é bastante celetista, ou seja, tem como alvo elevar um povo e desqualificar outro, por isso achei por bem colocar essa frase entre aspas, sendo assim, fica afastada qualquer evidência desse tipo comparação ou afirmação como verídica nesse trabalho, já que este artigo se trata de uma obra acadêmica, fundamentada na ciência historiográfica crítica e expositiva dos fatos ocorridos no passado.

O autor irlandês John Dominic Crossan<sup>16</sup>, em sua obra intitulada “*O Nascimento do Cristianismo: O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*”, publicada em 2004, cita a *Ilíada* do poeta épico da Grécia Antiga chamado Homero e a *Eneida* do poeta romano chamado Virgílio, para fazer conexão com a vida e a morte de Cristo. De acordo com o autor “*A ideia de que os*

<sup>15</sup> Formado em Filosofia e Jornalismo pela Universidade de São Paulo. É mestre em Estudos do Judaísmo pela USP. Fez doutorado em Estudos do Judaísmo na Universidade de Tel Aviv e Pós-Doutorado em Teologia do Holocausto pela Universidade Hebraica de Jerusalém.

<sup>16</sup> Graduado em filosofia e teologia em Stonebridge Priory Lake Bluff, Illinois, EUA. Fez Pós-graduação na Faculdade de St. Patrick, Maynooth, o Seminário Teológico da Universidade Nacional da Irlanda, em Kildare, na Irlanda. Pós-doutorado em exegese no Pontifício Instituto Bíblico, em Roma no ano de 1961. Pós-doutorado em arqueologia na Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém (então na Jordânia). Em 2003 se tornou Doutor em Ciências Humana [Honorário], pela Stetson University, em DeLand, Florida Estados Unidos da América.

*mortos podiam voltar e interagir com os vivos era comum no mundo greco-romano e nem pagãos nem judeus afirmariam que isso não podia acontecer*” (CROSSAN, 2004: p. 23). Ou seja, para os judeus o problema com Cristo estava centrado na questão de os cristãos o terem concebido como um homem-deus. Isso, como já foi dito anteriormente, era inaceitável pelos judeus. Mas sobre a questão de Jesus ter morrido e ressuscitado, Crossan deixa claro que os judeus estavam a par desta questão, pois conviviam com os gregos e romanos, os quais através dos poemas acima citados já haviam divulgado a possibilidade de um homem ressuscitar depois de morto. E mais, de acordo com o autor “*os pagãos sabiam do nascimento de Enéias, de mãe divina e pai humano*”, como também sabiam que Cristo nasceu de mãe humana e pai divino (CROSSAN, 2004: p. 26). Essa conexão da história do nascimento de Enéias com o nascimento de Yeshua (Jesus) ajudou bastante na introdução do movimento de Jesus de Nazaré no mundo greco-romano, bem como na sociedade judaica helenizada, de forma que o movimento de Jesus de Nazaré após a sua morte passou a ter nova configuração, agora incorporado aos costumes e tradições do mundo greco-romano. Isso acabou levando de forma gradual à separação entre a concepção do messias judeu e o cristianismo em ascensão. Pelo menos de acordo com Crossan, isso se deu a partir dos finais dos anos 30 da era cristã, porque também para o autor no período do ministério de Jesus, não existia cristianismo, o que existia ali foi um judeu que tinha aspirações messiânicas, que ensinava a obediência às leis mosaicas (CROSSAN, 2004: p. 19, 25, 28, 33, 38-39, 56, 58, 61).

Essa teoria é confirmada pela Bíblia de Jerusalém<sup>17</sup>, que diz: “*E foi em Antioquia que os discípulos, pela primeira vez, foram chamados de 'cristãos'*” (Atos dos Apóstolos 11.26). De acordo com Crossan, esse episódio se deu entre os finais dos anos 30 e início dos anos 40 da era cristã (CROSSAN, 2004: p. 17-19). E, a respeito da cidade de Antioquia da Síria, a historiadora brasileira Monica Selvatici<sup>18</sup> ressalta que a cidade no século I da era cristã era uma província romana extremamente helenizada, mas que era habitada também por muitos judeus helenizados (SELVATICI, 2006: p. 75-87). Foi principalmente a partir de Antioquia

<sup>17</sup> Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus Editora, 2002.

<sup>18</sup> Possui doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (2006). Atualmente é Professora Adjunta de História Antiga e Medieval e orientadora do Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina. É pesquisadora do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas e integrante do grupo de pesquisa sobre o Jesus Histórico da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Antiga e Medieval, atuando principalmente nos seguintes temas: Judaísmo e Cristianismo dentro do Império Romano e a atuação dos cristãos judaizantes nos séculos I e II d.C.

da Síria que o cristianismo ganhou um formato gentílico, se transformando em uma nova religião, surgida do seio do judaísmo antigo, distanciando-se totalmente da doutrina do messianismo judaico (CROSSAN, 2004: p. 38-39). Ou seja, o surgimento do cristianismo posterior à morte de Yeshua (Jesus), foi uma apropriação de elementos judaicos pelos povos helênicos para elaboração da crença neste personagem chamado Jesus Cristo como regra de fé e conduta universal.

Tudo isso nos leva a concluir que a separação e consequente fronteira entre o messianismo judaico antigo e o cristianismo primitivo não se deu no quarto século da era cristã como é comumente aceito, e sim, na segunda metade do primeiro século de nossa era, mais precisamente a partir dos finais dos anos 30 da era cristã. Com essa separação, o cristianismo acabou se tornado um novo segmento religioso oriundo do judaísmo antigo, agora com um formato helenizado que se expandiu pelo mundo greco-romano (CROSSAN, 2004: p. 405). Mas, isso não quer dizer que o messianismo judaico deixou de existir, de forma nenhuma, de acordo com Scardelai, entre os anos 85 e 90 d.C. no concílio rabínico na cidade de Yabneh foi regularizada a vida religiosa judaica juntamente à ordem de obediência total às leis da Torá e suas devidas doutrinas, especialmente a doutrina a respeito do Messias, que para os rabinos chegaria em breve, e assim, foi salva e conservada a religião judaica juntamente à doutrina e esperança da vinda do Messias redentor de Israel (SCARDELA, 1998: p. 95, 325). Nesse sentido, passou a existir agora não dois, mas, três ramos religiosos do judaísmo do período do Segundo Templo, que seguiam a doutrina messiânica. Porque, ainda que em pequeno número, existiam os judeus que seguiam os ensinamentos de Yeshua (Jesus) da forma como ele ensinou, ou seja, a crença nele como o Messias de Israel que viveu de acordo com as observâncias das Leis da Torá e dos costumes judaicos (CROSSAN, 2004: p. 503). Sobre esse grupo, Scardelai fala que após a morte de Jesus, os judeus que criam nele como o Messias de Israel já aguardavam o seu breve retorno (SCARDELA, 1998: p. 282). Temos também o recém-formado cristianismo com configuração helênica, praticado por judeus helênicos e povos denominados gentios. E por último, temos o messianismo judaico tradicional, oficializado pelos rabinos no concílio de Yabneh no ano 90 d.C.

### **Considerações finais**

Nesse trabalho foi feita uma análise bibliográfica das diferentes teorias sobre o messianismo judaico antigo e o cristianismo primitivo, com ênfase na separação e

consequente fronteira que houve logo após a morte de Cristo entre esses dois ramos religiosos do judaísmo do período do Segundo Templo.

Como vimos, a esperança de um redentor messiânico que iria livrar os judeus da ocupação dos Estados estrangeiros e estabelecer a unidade política, social e religiosa na Terra de Israel, nasceu em meio à opressão estrangeira. Foi com base nesse ideal messiânico judaico que a autora brasileira Tania Fortes elaborou seu trabalho delineando os dois tipos de messias em que o povo judeu acreditava desde pelo menos a época do profeta Isaías. Mas só a partir do final do século I da era cristã os rabinos estabeleceram definitivamente como regra doutrinária da religião judaica a crença de que os judeus deveriam ter no surgimento de dois Messias redentores de Israel, o Messias sofredor e pacificador, que traria paz aos homens e levaria os judeus da diáspora de volta à terra de Israel, esse Messias seria da linhagem do rei Davi, conhecido como *Maschiakh Ben David* e o Messias guerreiro, conhecido como *Maschiakh Ben Yossef*, descendente da tribo de José. A partir daí, podemos observar que a crença na chegada de um redentor messiânico em Israel não era tão simples como a tradição cristã ao longo de cerca de 1700 anos vem nos transmitindo, falo desse período de tempo, devido a em 325 da era cristã no Concílio de Niceia serem estabelecidos os dogmas cristãos, definindo Cristo como o único redentor e salvador do mundo.

Como foi observado, o autor brasileiro Donizete Scardelai apontou que entre os judeus do primeiro século da era cristã havia a crença na existência de três agentes messiânicos. Um chamado de *Messias Profeta*, o qual basicamente tinha a função de anunciador da chegada dos outros dois Messias, o *Messias, filho de José* e o *Messias, filho de Davi*. Para Scardelai essa crença teve origem no período do Exílio da Babilônia, aos poucos, e mediante o contexto histórico em que o povo judeu vivia, foi ganhando força, até a sua formulação e oficialização pelos rabinos no ano 90 d.C. durante um concílio na cidade de Yabneh.

Na concepção judaica do tempo de Jesus, os Messias teriam que ocupar pelo menos três funções fundamentais, o de profeta, o de sacerdote e o de rei, esse último seria o messias que iria usar a força militar para expulsar os invasores da Terra de Israel e reger o Estado judaico com justiça, sabedoria e integridade. Diferentemente do ideal messiânico judaico, o movimento de Jesus, de acordo com Scardelai, foi helenizado logo após a sua morte, ele foi concebido como um homem divinizado que ocupou as três esferas acima citadas da concepção messiânica judaica do primeiro século da era cristã, e surgiu para perdoar pecados e dar salvação a todos os homens em toda parte do mundo. Essas diferenças entre as concepções do messias na tradição judaica e o messias na tradição cristã helênica

acabaram implicando a separação e criação da fronteira entre esses dois ramos religiosos do judaísmo do período do Segundo Templo.

Essa fronteira entre esses dois segmentos religiosos, também se deve à mudança que houve logo após a morte de Jesus da terminologia *Mashiach* em hebraico para “*Christos*” em grego, além de várias questões doutrinárias explicitadas pelo autor brasileiro Donizete Scardelai, bem como pelo autor irlandês John Dominic Crossan. Todas essas diferentes questões que envolvem esses dois ramos religiosos levaram a criar, de acordo com o autor brasileiro Ariel Fingerman, uma polêmica a respeito do “povo eleito”, o qual, para os judeus foram eles os escolhidos desde os seus patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, e para os seguidores de Cristo helenizados, os judeus abandoaram o seu Deus de modo que Ele transferiu essa “eleição” para os cristãos.

Foi compreendido também que o autor Donizete Scardelai fala que os judeus em todos os períodos de sua história foram influenciados religiosa e culturalmente pelos povos vizinhos à Terra de Israel. Essa influência implicou especialmente na crença do surgimento dos Messias, principalmente no período romano, durante todo o século I da era cristã. Assim, fica a sugestão de um trabalho a ser realizado em torno dessa questão.

## **Bibliografia**

- ARIÈS, Philippe. “*A História das Mentalidades*”. In: LE GOFF, Jacques. (org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus Editora, 2002.
- VAINFAS, Ronaldo. “*História das Mentalidades e História Cultural*”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHARTIER, Roger. “*Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais*”. In: \_\_\_\_\_. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHEVITARESE, André Leonardo. CORNELLI, Gabriele. **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaio Acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico: A Vida de um Camponês Judeu do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento do Cristianismo: O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus.** John Dominic Crossan. São Paulo: Paulinas Editoras, 2004.

FORTES, Tania. **Rabi Akiva e Bar Kokhva: Em busca do Messias.** São Paulo: R. Cohen Editora, 2009.

FINGUERMAN, Ariel. **A polêmica entre os judeus e cristãos sobre a doutrina do “povo eleito”.** 2ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

FLUSSER, David. **O judaísmo e as origens do cristianismo.** Vol. I. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

\_\_\_\_\_. **O judaísmo e as origens do cristianismo.** Vol. II. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **O judaísmo e as origens do cristianismo.** Vol. III. Trad. Marcos José da Cunha. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.

GOODMAN, Martin. **A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

HORSLEY, Richard A. Hanson, John S. **Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus.** São Paulo: Paulus, 1995.

HOSLEY, Richard A. **Arqueologia, História e Sociedade na Galiléia: O Contexto Social de Jesus e dos Rabis.** São Paulo: Paulus, 2000.

KNOHL, Israel. **O Messias antes de Jesus: o servo sofredor dos Manuscritos do Mar Morto.** Trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

SCARDELA, Donizete. **Movimentos messiânicos no tempo de Jesus: Jesus e outros profetas.** São Paulo: Paulus, 1998.

SELVATICI, Monica. **Os Judeus Helenistas e a Primeira expansão Cristã: Questões de Narrativa, Visibilidade Histórica e Etnicidade no livro dos Atos dos Apóstolos.** Campinas: Tese de Doutorado apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese, 2006.

STERN, David H. **Manifesto judeu messiânico.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Louva-A-Deus, 2006.

TRANQUILO, Caio Suetônio. **A Vida dos Doze Césares.** São Paulo: Martin Claret, 2004.